Públio Athayde

AQUIJA
ZEM
OS RESTOS

DOIRMÃO

I.F.C.
FALLECID-
DO
A 21 DE JULHO
DE 1880
ORAI POR
ELL

Ouro Preto
2007

Públio Athayde

**Aqui jazem os restos do irmão I.F.C. falleciddo
a 21 de julho de 1880 orai por ell**

Análise de documento apresentada como trabalho da disciplina Sociedade Mineira Colonial do XV Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Nível de Especialização em Cultura e Arte Barroca.
Professor Doutor Caio César Boschi.

IFAC/UFOP
Ouro Preto
2007

Sumário

Sumário **1**

Índice de imagens **2**

1 Apresentação **4**

2 As lápides funerárias **6**

3 As lápides exteriores da Igreja de N.S. das Mercês e Perdões de Ouro Preto **9**

3.1 Situação espacial *11*

3.2 Breve análise *11*

4 Considerações finais **13**

5 Bibliografia **14**

Índice de imagens

Foto 1 - Lápide de I.F.C. (Foto de G. Athayde) 5
Foto 2a - Lateral da I. N. S. Mercês e Perdões, em Ouro Preto..... 5
Foto 3 – Detalhe: Porta lateral e a lápide de I.F.C..... 5
Foto 4 - Igreja N.S.M.P - Vista aérea (Fonte na imagem)..... 9
Foto 5 - Lápide A, com "sobrelápide". (Foto G. Athayde)..... 9
Foto 6 - Lápide B. (Foto G. Athayde)..... 9
Foto 7 - Lápide C. (Foto G. Athayde)..... 10
Foto 8- Lápide D. (Foto G. Athayde) 10
Foto 9 - Lápide E. (Foto G. Athayde)..... 10
Foto 10 - Lápide F. (Foto G. Athayde)..... 10
Foto 11 - Igreja N.S.M.P. Vista aérea (Dados na imagem) 11

LÁPIDE 2

epitáfio para a alma

aqui jaz um artista
mestre em desastres

viver
com a intensidade da arte
levou-o ao infarte

deus tenha pena
dos seus disfarces

Paulo Leminski

1 Apresentação

As lápides representam a tentativa de permanência, o recado para a posteridade. E podem representar muito mais. O interesse dos historiadores por esse tipo de legado é corrente em diversas correntes historiográficas. Elas são, inegavelmente, fonte; registro palpável de dados e de vontades e idéias pretéritas. Fonte de história local, das mentalidades e inclusive outras vertentes.

A história local assume particular premência num tempo marcado por uma crescente globalização e propensão para a massificação e uniformização cultural, em que urge desenvolver a consciência do valor da História e do patrimônio enquanto marcas da herança cultural coletiva. Neste sentido, a história local propõe-se desenvolver e enquadrar estudos no âmbito da história regional e nacional.

A Arqueologia insere-se na vocação matricial da história local, desde sempre ligada aos estudos epigráficos e à necessidade de assegurar enquadramento técnico e científico adequado ao tratamento, conservação e estudo do vasto patrimônio arqueológico local em geral e de Ouro Preto, no nosso caso. Tem como objetivos centrais o desenvolvimento de projetos de inventário de patrimônio material, móvel e construído e de tratamento museológico, assumindo uma vocação para a prestação de serviços a entidades públicas e particulares, incluindo a atividade econômica do turismo dentre seus objetivos, sem priorizá-lo nem secundá-lo em sua relevância.

Elegi para este trabalho, como documento a ser analisado, a lápide de I.F.C. e outras que circundam a igreja de Nossa Senhora das Mercês dos Perdões, em Ouro Preto.

Chamou-me mais atenção a lápide de I.F.C. por seu tamanho, a qualidade que ainda apresenta e por sua situação no local onde se encontra, como descreverei.

Foto 1 - Lápide de I.F.C. (Foto de G. Athayde)

Foto 2a - Lateral da I. N. S. Mercês e Perdões, em Ouro Preto.

Foto 3 – Detalhe: Porta lateral e a lápide de I.F.C.

2 As lápides funerárias

As lápides funerárias nos proporcionam caminhos a explorar. O estudo desta categoria de documentos apresenta algumas dificuldades, mas também pode fornecer luzes sobre diversos aspectos do cotidiano. Entre as dificuldades destacamos os problemas com a datação, que muitas vezes não é precisa. Em muitos casos estipula-se o século em que foi produzida, mas nem sempre o ano exato. Além disso, em alguns casos, o local em que foram encontradas também é difícil de precisar. Muitas lápides estão quebradas e outras foram removidas do lugar de origem para os museus sem a devida anotação, ou reaproveitadas em outros contextos.

Mesmo assim, seu estudo em conjunto traz resultados satisfatórios e, em alguns casos, surpreendentes. Como já destacava Sabbatini Tumolesi no início dos anos de 1980, as lápides são importantes fontes epigráficas porque elas se referem ao homem como pessoa, diferentemente dos documentos cartoriais, religiosos, impressos, por exemplo, que sempre falavam em quantidades de combatentes ou dos grupos aos quais faziam parte.[1]

Mas que tipos de dados tais lápides podem nos fornecer sobre as vidas e o cotidiano? Muitas das lápides apresentam letras que não estão dispostas regularmente, o que indica que foram realizadas por pessoas de origem popular. Embora haja variações, na maioria dos casos registrados encontramos orações e pedidos de orações, o nome do sepultado, sua idade, local de nascimento - eventualmente. São mais raras as lápides com desenhos ou esculturas em Minas no século XIX. O texto e o subtexto referente a

---

[1] SABBATINI TUMOLESI, 1980, p.150.

sua posição no espaço funerário são os principais elementos para estudo, além da documentação escrita referente ao sepultamento, etc. – mas esses documentos transcendem os objetivos deste trabalho.

Segundo Blikstein[2], a verticalidade e tudo que a ela se associa (em pé, alto, etc) por exemplo, é sinal de valorização, meliorativo. Indica superioridade, majestade. Contrariamente, a horizontalidade tem conotação pejorativa, via de regra. Deprecia-se o que está caído, deitado, abaixo. Outros vieses interpretativos seriam a frontalidade contra a posteridade, retidão contra tortuosidade, claro contra escuro. Esses padrões ou "óculos sociais" como os chama A. Schaff[3], são estereótipos do campo semântico deste tipo de documento. Através deles vemos a realidade e interpretamos o dado intertextual.

Por tudo isso, na leitura de lápides, como fonte histórica – principalmente para abordagens do cotidiano – deve considerar posição, dimensão materiais e todo o conjunto de signos em conjunto com o texto lapidário, tendendo mesmo este a ser a menos importante das informações a ser lida.

A produção historiográfica brasileira sobre história do cotidiano, tem se dedicado em anos recentes, a desvendar implicações na dinâmica social geral e, sobretudo, suas especificidades locais.

O século XIX tem sido o intervalo temporal privilegiado no qual essa historiografia se circunscreve. Nesse período, os processos de configuração histórica de centros urbanos mais ou menos distintos das regiões rurais, pelo menos sob os pontos de vista social e cultural têm oferecido aos historiadores sociais da escravidão, um rico e

---

[2] BLIKSTEIN, 1985, P.61.
[3] SCHAFF, 1974.

diversificado conjunto de materiais históricos afeitos, tanto a um tratamento adequado às suas perspectivas teórico-metodológicas, quanto à possibilidade de escolhas temáticas originais.

> "De um modo geral, o que tais estudos nos têm informado é que a composição dos setores sociais das principais cidades estudadas, formada por escravos; negros livres e libertos; proprietários em geral e poder público, conforma um quadro de relações através do qual é possível apreender os seus ritmos de pulsão e interpretar alguns aspectos da sua dinâmica."[4]

Os processos históricos mais estruturais que repercutem na dinâmica da social de forma mais ou menos indistinta, são equacionados no âmbito das especificidades locais, ou seja, nos espaços próprios da sua efetivação concreta. São essas especificidades que condicionam a sua extensão e forma.

Para efeito de comparação ou de destaque das especificidades de cada núcleo urbano, um dos recursos historiográficos mais adotados tem sido o de precisar, tanto quanto as fontes permitem, sua estrutura de composição populacional a partir de dados quantitativos. Nesse sentido, cada fonte tem seu papel e o que pretendo aqui é destacar a importância das fontes iconográficas e epigráficas mesmo em nosso contexto regional.

Esse exercício tem por objetivo identificar alguns aspectos que podem dar certa substância às análises. Ao lado das variáveis gerais de caráter mais informativo, o destaque é para as variáveis específicas, adequadas ao tratamento de temas ligados ao cotidiano das cidades. Formas de morar, de trabalhar, de ocupar o seu espaço físico, de construir solidariedades, de morrer e de ser sepultado.

---

[4] MATOS, 2000.

3 As lápides exteriores da Igreja de N.S. das Mercês e Perdões de Ouro Preto

Oito lápides remanescem no adro da igreja, distribuídas segundo o esquema a seguir:

Foto 4 - Igreja N.S.M.P - Vista aérea (Fonte na imagem).

Foto 5 - Lápide A, com "sobrelápide". (Foto G. Athayde).

Foto 6 - Lápide B. (Foto G. Athayde)

Foto 7 - Lápide C. (Foto G. Athayde)

Foto 8- Lápide D. (Foto G. Athayde)

Foto 9 - Lápide E. (Foto G. Athayde)

Foto 10 - Lápide F. (Foto G. Athayde)

A lápide de I.F.C., já apresentada, ocupa a posição H, e as dimensões das lápides são as que se seguem:

	A	B	C	D	E	F	G	H
Comprimento cm	**183**	**181**	**185**	**197**	**205**	**193**	**152**	**233**
Largura cm	**70**	**72**	**75**	**87**	**70**	**60**	**73**	**90**

Dados obtidos por Gustavo Athayde Athayde.

Chamo a atenção para as dimensões avantajadas da lápide de I.F.C.

3.1 Situação espacial

A Igreja e seu adro se encontram em local de destaque no relevo do bairro em que se situam, mesmo não sendo visível para o grande público, o platô domina ampla vista de região que já foi mais nobre da cidade, em posição de clara dominação, segundo se pode observar pelo relevo demonstrado pela imagem de satélite que se segue.

Foto 11 - Igreja N.S.M.P. Vista aérea (Dados na imagem)

Nesta foto, o ponto culminante de quase toda a área exibida é a Igreja; exceção para o setor mais a esquerda. Certamente a posição ocupada pelas sepulturas representava ponto de destaque.

3.2 Breve análise

A interpretação corrente, inclusive na história oral da cidade, é que a lápide na soleira da porta representa uma manifestação de humildade. O falecido seria “pisado” por seus irmãos, a quem ele pede orações. Curiosamente, a lápide de I.F.C. se encontra orientada no sentido de ser lida por quem sai do templo, o que contraria o habitual, inclusive todas as demais naquele adro. Não há indicações de que tenha havido remoção recente, ou movimentação, mas pode ter ocorrido.

Desconsiderando os dados referentes à natureza da Irmandade, e quaisquer outras referências documentais quanto a identidade de I.F.C, sobra uma série de incoerências quanto a seu gesto de humildade: á lápide é de material muito superior às demais, suas inscrições muito mais bem gravadas e, sobretudo, seu tamanho, muito grande, se destaca.

Que tipo de pessoa viveria a ambigüidade da humildade pretendida e da ostentação alcançada, como fica patente?

O encontro dessas e de outras respostas se faria pelo confronto do documento epigráfico com outros, mas fica aqui ressaltada a grande pergunta que ele suscita. Um documento como tal pode não ter respostas, mas será sempre relevante dar atenção as perguntas que ele apresentar.

Sempre se terá em mente, para tais análises ou hipóteses, que aquele monumento corresponde a uma pessoa, que essa pessoa teve vida, desejos e uma sociedade que refletiu reciprocamente todas as suas demandas e carencias.

4 Considerações finais

Muitas vezes, quando pensamos nos mortos, a primeira imagem que nos vem à mente é a da morte e do tempo que nos separa deles, raramente paramos para refletir que a morte é apenas um momento, o último, de suas vidas. Mas um momento especial para o qual muitos se preparam cuidadosamente. Esquecemos que estas pessoas viveram e, por viverem, tinham desejos, paixões e sonhos.

As lápides constituem categorias documentais ímpares para capturarmos fragmentos destes fenômenos efêmeros e, além disso, nos fazem refletir sobre a importância do papel da Epigrafia no estudo da história do cotidiano. A análise de tais documentos fornece dados interessantes para repensarmos em modelos interpretativos mais tradicionais, fundamentados somente nas fontes escritas, em que os falecidos e os vivos são mostrados como uma massa amorfa e sem vontade própria.

Os exemplos aqui comentados, mesmo que *en passant*, representam a complexidade e heterogeneidade de visões sobre a vida e a morte, bem como abrem caminhos para se explorar o cotidiano das pessoas a partir de seus próprios registros ou de pessoas bem próximas a eles. Neste sentido, a epigrafia local nos desafia e encoraja a ouvir as vozes das diferentes camadas da sociedade e a repensar abordagens que, muitas vezes, apresentam suas vidas de maneira homogênea e monolítica.

5 Bibliografia

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MATTOS, Wilson Roberto de. **Negros contra a ordem**: Resistências e práticas negras de territorialização no espaço da exclusão social. Salvador-BA (1850-1888). Paulo, PUC/SP, 2000. (Doutorado-História).

SABBATINI TUMOLESI, P.L. **Epigrafia anfiteatrali dell'Occidente Romano I** — Roma. Rome: Edizioni Quasar, 1980.

SCHAFF, A. **Langage et Conaissance**. Paris: Anthopos, 1974.